

PROFESSORA EUBÉA SENNA DE ALMEIDA: AS MEMÓRIAS... A HISTÓRIA...*

La Profesora Eubéa Senna de Almeida: las Memorias... La Historia...

Soraia Abrahão ALLE**
Alexandre Cougo de COUGO***
Sílvia Adriana RODRIGUES****

Resumo: O presente artigo apresenta o movimento de constituição pessoal e profissional da educadora Eubéa Senna de Almeida, figura de destaque na história da educação do município de Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil. O exercício de registro e reflexões aqui sumariados se deu a partir da narrativa obtida junto a própria educadora no ano de 2014; sendo esse um estudo de abordagem qualitativa com uso da metodologia interpretativa das histórias de vida.

Palavras-chave: Eubéa Senna de Almeida, história de vida, educação superior.

Resúmen: El presente artículo presenta el movimiento de constitución personal y profesional de la educadora Eubéa Senna de Almeida, figura destacada en la historia de la educación del municipio de Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil. El ejercicio de registro y reflexiones aquí presentadas se dio a partir de la narrativa obtenida

Introdução

Você é aquilo que ninguém vê. Uma coleção de histórias, estórias, memórias, dores, delícias, pecados, bondades, tragédias, sucessos, sentimentos e pensamentos. Se definir é se limitar. Você é um eterno parênteses em aberto, enquanto sua eternidade durar (Autor desconhecido).

A aventura da escrita é sempre um desafio de muitas facetas e quando esta se alia ao registro de um processo de pesquisa em educação tem-se agregadas novas dificuldades que são inerentes ao próprio processo de investigação. Registrar crenças, valores, percepções

* Esse artigo traz parte dos dados e da discussão originalmente apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia da UFMS-CPAN, intitulado: "Memórias de uma vida dedicada a educação: a história de vida da professora Eubéa Senna de Almeida", de autoria de Soraia Abrahão Alle, sob orientação do Prof. Alexandre Cougo de Cougo no ano de 2014.

** Pedagoga. Especialista em Gestão Escolar. Professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Corumbá/MS. E-mail: soraiaalle@hotmail.com.

*** Licenciado em História. Mestre em Educação Ambiental. Professor Adjunto da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, do Curso de Pedagogia do Câmpus do Pantanal. E-mail: alexandre.cougo@ufms.br

**** Pedagoga. Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Câmpus do Pantanal. E-mail: silvia.rodrigues@ufms.br

junto a la educadora en el año 2014; siendo este un estudio de abordaje cualitativo con el uso de la metodología interpretativa de las historias de vida.

Palabras clave: Eubéa Senna de Almeida, historia de vida, educación superior.



de outrem, ou nossas, é tarefa que exige cuidado, sensibilidade, ética entre outros.

No caso específico do trabalho a ser descrito nesse artigo, escolhemos percorrer um caminho ainda com pouca tradição no universo acadêmico, quer seja; utilizar como fonte de informação a história de vida, a valorização das memórias, a busca por enaltecer mais o processo do que o produto da investigação e, como marca do registro final, exaltar o ponto de vista de quem nos forneceu os elementos para a escrita, apreendendo e compreendendo a vida, os sentidos e significados que a ela foram atribuídos pelo narrador.

Consideramos essa como uma tarefa hercúlea, se levarmos em consideração as reflexões benjaminianas de que consciência e memória rivalizam, uma vez que o conteúdo consciente da reflexão não se constituiria como memória, pois o fortalecimento da consciência corresponde, de forma direta, ao enfraquecimento da memória.

No entanto, mesmo cientes das possíveis limitações e até mesmo críticas, decidimos assumir o desafio e empreendemos a pesquisa, realizada no ano de 2014, que teve por objetivo geral resgatar a história e a memória da mulher e educadora Eubéa Senna de Almeida. Propomos-nos ainda a compreender os movimentos de constituição existencial e profissional da educadora, evidenciando o seu papel nos rumos da educação no município de Corumbá-MS. Isso

porque acreditamos que “[n]ão haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos” (FREIRE, 1996, p. 32).

Dessa forma, trazemos a seguir o caminho metodológico constituído, a história de vida da professora em questão narrada por ela¹, ora parafraseada, ora em recortes de sua própria fala; e, por fim, algumas considerações que entendemos pertinentes.

Caminhos investigativos: encontros, escolhas e sentidos

No caminho assumido na construção do processo investigativo, alguns encontros, escolhas e sentidos precisaram ganhar a centralidade necessária, evidenciando e justificando as concepções de mundo e também de produção de conhecimento. A princípio, o encontro com a pergunta; em seguida, as escolhas pelos caminhos que nos levariam às possíveis respostas. Depois, mas não como um fim, os sentidos que produziram compreensões e novos saberes.

Assim, Gonsalves (2003) aponta que o traçar da metodologia envolve algumas escolhas; desta forma, nossa pesquisa assumiu o caráter qualitativo de produção e análise dos dados, uma vez que o estudo dialogou com a narrativa histórica produzida pela professora Eubéa Senna a partir de um tensionamento sobre a compreensão da importância da professora na história da educação de Corumbá e também na sua constituição como docente (ALLE, 2014).

Para a recolha das informações, utilizamos a história oral de vida para o resgate histórico do vivido (ALLE, 2014); isto porque tal abordagem permite durante o processo ir, segundo Barbosa (2010, p. 69), “[...] registrando as percepções pessoais, os acontecimentos íntimos que marcaram a trajetória pessoal ou os acontecimentos vividos na sua trajetória de vida”. Para nortear este registro, organizamos um roteiro de questões abertas, de caráter flexível, ainda que previamente construído.

Nesse sentido, a história oral emerge como o motor essencial da investigação, tendo em vista sua possibilidade de estudo e compreensão de uma história de vida através de depoimentos (gravados em áudio e/ ou vídeo); e, principalmente por focar a retomada das memórias e lembranças de um tempo que passou, mas que deixou marcas individuais e coletivas no contexto em que se deu (ALLE, 2014). Alberti (2003) nos fala da “vivacidade especial” de uma entrevista na história oral pois

¹ Esclarecemos que usaremos o itálico para destacar aos trechos da narrativa da professora Eubéa, bem como diferencia-los das citações de referências bibliográficas.

É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes (p. 01).

O passo seguinte para a construção do trabalho exigiu o diálogo com a sujeita da pesquisa, a apresentação da proposta e o seu aceite. Em seguida, realizamos vários encontros que resultaram na obtenção de preciosas informações e também “não-encontros”, afinal em um processo de registro narrativo se torna imprescindível a percepção das intempéries de tempo, disposição e outros fatores que intervêm na vida e nas condições do narrador.

Durante os encontros, Eubéa tinha uma preocupação: a necessidade ou não de se lembrar de datas? De fato, não havia, pois, a riqueza estava nos sentidos expressos na narrativa das experiências que considerava serem significativas. E assim a professora contou sua infância, juventude e formação; praticamente não foram necessárias muitas perguntas ou provocações, porque havia uma grande vontade de narrar uma vida de muitos acontecimentos (ALLE, 2014).

Depois de transcritas as diversas narrativas e construída a primeira versão do texto de sua história, retornamos à narradora para uma leitura conjunta. Este reencontro propiciado com uma história e um Eu narrado assumiu-se como um movimento de narrativa-formação como revela Josso (2004), uma vez que tal momento permite ao sujeito-narrador reconhecer-se e reconstruir-se na história escrita/reescrita.

Os encontros com a vida e formação da educadora Eubéa Senna de Almeida

A Professora Eubéa Senna de Almeida nasceu na cidade de Corumbá, em 20 de abril de 1928, quando ainda se encontrava unido o antigo estado de Mato Grosso. Filha de Valério D’Almeida e Aracy Senna de Almeida, muda-se com a família para a cidade de Campo Grande logo após o nascimento, onde viveu sua infância e adolescência. Aos sete anos, iniciou seus estudos no Colégio Osvaldo Cruz, uma instituição privada que se assumia uma Escola Ativa²; e assim, ao entrar para a escola, já sabia ler e escrever, influenciada pelos pais que eram adeptos às práticas de leitura

Minha mãe e meu pai eram assinantes do Estado de São Paulo e chegava naquela época de trem aquela quantidade. Então eles liam depois do almoço, e naquela folha que vinha o Estado de São Paulo, vinha uma que era pra mulheres, receita para bolo e coisas para mulher, e então eles deitavam para ler e eu deitava entre os dois (ALLE, 2014, p. 27).

² Conforme Peres (2009, p. 122), a Escola Ativa “deveria basear-se na autonomia dos educandos, na atividade espontânea, no autogoverno, na experiência pessoal da criança, na liberdade, na criatividade, na individualidade e nos métodos ativos. [...] a escola da espontaneidade, da expressão criadora, da liberdade”.

Concluído o primário, fez o exame de admissão exigido e concluiu o ginásio em quatro anos, quando se encontrava com quinze anos de idade. Logo após, seu pai, que era contador e jornalista, foi convidado para fazer parte da empresa Bacia do Prata, na cidade de Corumbá. Com o aceite e a mudança de cidade da família, a jovem Eubéa precisou permanecer em Campo Grande, onde passou a morar com os avós para concluir seus estudos, desta vez no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Em suas palavras: “[...] quando fiz de 18 para 19 anos, acabei o científico, e o científico naquela época era muito difícil. Você estudava latim, francês e inglês” (ALLE, 2014, p. 28). O que a professora apontava como ensino científico, era parte do segundo ciclo do ensino secundário, conforme a Lei nº. 4.244 de 09 de abril de 1942, a qual, em seu artigo 4º, indica que,

O curso clássico e o curso científico, cada qual com a duração de três anos, terão por objetivo consolidar a educação ministrada no curso ginásial e bem assim desenvolvê-la e aprofundá-la. No curso clássico concorrerá para a formação intelectual, além de um maior conhecimento de filosofia, um acentuado estudo das letras antigas; no curso científico, essa formação será marcada por um estudo maior de ciências (BRASIL, 1942).

No ano de 1948, Eubéa retornou para a cidade de Corumbá onde iniciou o Curso Normal no Ginásio Imaculada Conceição (GENIC), com o desejo de se formar professora (ALLE, 2014). Em suas palavras: “[a] escola era tudo para mim, até hoje. Fui ser professora porque gosto, porque quis, porque toda vida achei que era bonito, que era bom. Aliás, na minha família a maioria eram professoras” (ALLE, 2014, p. 28).

Ao mesmo tempo em que estudava no Curso Normal e trabalhava na prefeitura de Corumbá, foi convidada, em 1950, para criar e formar a biblioteca do município. Com a conclusão do curso em 1952, iniciou o trabalho também na rede estadual de educação, primeiramente via nomeação e, depois, através de concurso público. Desta forma, por algum tempo, atuou pelas manhãs na Secretaria de Educação de Corumbá e no período vespertino na Escola Estrela do Oriente, como professora da 4ª série do primário (ALLE, 2014).

No dia 27 de novembro de 1963, Eubéa foi designada, pelo então governador do Estado de Mato Grosso, para exercer a função de Conselheira da Câmara de Ensino Primário do Conselho Estadual de Educação. Já no ano de 1965, embarca para Belo Horizonte - Minas Gerais, para um curso de especialização do Programa Brasil – Estados Unidos, o Programa Americano Brasileiro de Alfabetização Escolar (PABAE), no qual permanece por seis meses em formação (ALLE, 2014). A aliança entre os dois países no período ditatorial compreendido entre 1964 e 1985 foi intensa, incluindo também o campo da educação, pois tratava

[...] de incorporar compromissos assumidos pelo governo brasileiro na Carta de *Punta del Este* (1961) e no Plano Decenal de Educação da Aliança para o Progresso – sobretudo os derivados dos acordos entre o MEC e a AID (*Agency for International Development*),

os tristemente célebres Acordos MEC-USAID (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011, p. 28, grifos no original).

Quando regressou da formação, a professora é comunicada de que foi promovida à Delegada de Ensino do município de Corumbá, o que lhe exigiria o trabalho de inspeção geral das escolas (municipais, estaduais e particulares) concomitante com a docência. Nessa mesma época, recebeu um convite da Secretaria da Educação e Cultura do Estado para realizar um curso de administração escolar para diretores, no Centro de Treinamento do Magistério, em Cuiabá – MT e, em seguida, outro curso de supervisão e administração escolar – no Centro de Aperfeiçoamento dos Professores do Mato Grosso – na mesma cidade. Ao retornar para Corumbá, Eubéa foi nomeada diretora da Escola Estadual Estrela do Oriente, mas ainda assim continuou em sala de aula. *“Naquele tempo, diretora dava aula. Você não era só diretora; você dava aula. Ocupava dois cargos, mas não ganhava, ganhava apenas uma gratificação”* (ALLE, 2014, p. 29).

No ano de 1967, Eubéa iniciou uma nova empreitada em sua vida profissional: torna-se proprietária da escola particular Marechal Rondon, localizada no centro de Corumbá, que funcionou por 14 anos, fechando devido ao alto índice de inadimplência nas mensalidades. Tal projeto foi uma iniciativa conjunta com outras três professoras, além de sua irmã e também professora, Maria Tereza, e sua mãe, Aracy, a qual assumiu a direção da instituição. A professora declarou que, apesar do esforço coletivo, a escola funcionou por poucos anos (ALLE, 2014).

A partir do ano de 1971, no período noturno, passou a dirigir o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) nas escolas urbanas e rurais. Os professores que atuavam no MOBRAL recebiam capacitação de profissionais vindos do Rio de Janeiro e de São Paulo, que ministravam os cursos sob a supervisão da professora (ALLE, 2014). Para Soares e Galvão (2009, p. 270),

O Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização –, criado em 1967 (embora só inicie suas atividades em 1969) e funcionando com uma estrutura paralela e autônoma em relação ao Ministério da Educação, reedita uma campanha em âmbito nacional conclamando a população a fazer a sua parte – “você também é responsável, então me ensine a escrever, eu tenho a minha mão domável, eu sinto a sede do saber”. [...] Os métodos e o material didático propostos pelo Mobral assemelhavam-se aparentemente aos elaborados no interior dos movimentos de educação e cultura popular, pois também partiam de palavras-chave, retiradas da realidade do alfabetizando adulto para, então, ensinar os padrões silábicos da língua portuguesa. No entanto, as semelhanças eram apenas superficiais, na medida em que todo o conteúdo crítico e problematizador das propostas anteriores foi esvaziado: as mensagens reforçavam a necessidade do esforço individual do educando para que se integrassem ao processo de modernização e desenvolvimento do país. Além disso, era um material padronizado, utilizado indistintamente em todo o Brasil.

Eubéa afirmou que recebeu em sua residência a visita do General Presidente do MOBRAL, José Pinto Sombra Dias, e alguns meses depois, a visita de um militar da Aeronáutica, que lhe disse: “[...] vim aqui porque a Aeronáutica vai fazer um passeio de avião com as crianças e a senhora vai assumir a distribuição” (ALLE, 2014, p. 31). Tal lembrança, associada aos apontamentos de Xavier, Ribeiro e Noronha (1994) nos permite compreender que a educação estava em constante vigilância por parte do governo vigente no período, e as visitas e supervisões poderiam fazer parte deste permanente exercício de controle social e ideológico exercido.

Na década de 1960, quando da construção do Centro Educacional Júlia Gonçalves Passarinho, Eubéa recebeu uma carta comunicando que no novo centro somente exerceriam a docência aqueles que possuísem formação em nível superior. A professora não possuía ainda o título de graduada, apenas do Curso Normal, sendo que, naquele momento havia somente três pessoas com tal formação que residiam na cidade. Assim, entre as muitas organizações, o próprio Curso Normal, que antes era desenvolvido na Escola Estadual Maria Leite, passaria a funcionar no novo espaço educacional (ALLE, 2014). De acordo com a educadora, na época em que foi inaugurado o Centro Educacional, “[...] Jarbas Passarinho era Ministro [Ministro da Educação e Cultura] e ele veio aqui e o Governador falou pra ele: o nome da escola vai ser de sua mãe, Julia Gonçalves Passarinho” (ALLE, 2014, p. 31).

Coerente com as exigências para o trabalho docente no novo centro criado, foi composto um grupo, do qual participou a professora Eubéa, que articulou e elaborou um projeto para a implantação da educação superior no município de Corumbá. “Quando nós criamos a universidade aqui em Corumbá, foi porque fizeram o Centro Educacional e só podia ser professor lá com nível superior” (ALLE, 2014, p. 31). Eubéa contou que dialogou com Pedro Pedrossian, governador do estado do Mato Grosso no período, quando em uma de suas visitas à cidade de Corumbá. Levando em consideração sua amizade desde o período em que viveu em Campo Grande, pediu-lhe ajuda para criar o ensino superior na cidade pantaneira “[...] ele falou assim, pra mim: ‘olha, se você fizer um projeto e me mandar, eu vou criar’” (ALLE, 2014, p. 31). A professora não descansou desde então e foi à busca de apoio; encontrou muita descrença, mas, também, apoios importantes, destacando-se as atuações do Padre Benjamim Pádoa, diretor da Escola Santa Tereza no ano de 1966, de uma diretora de colégio e de um médico conhecido na cidade³ (ALLE, 2014).

A primeira providência foi encontrar um local propício para a instalação da universidade, que ficou definido que seria junto ao prédio do Grupo Escolar

³ Não houve a recordação pontual dos nomes completos da diretora do colégio e do médico que apoiaram as ações de criação da educação superior em Corumbá.

Luiz de Albuquerque⁴. Neste lugar funcionava, na época, uma escola técnica no período noturno; nos dias atuais o Instituto Luiz de Albuquerque, um centro cultural que guarda acervos e desenvolve atividades culturais diversas (ILA) ocupa o lugar.

[...] eu falei assim: 'você fica na parte de baixo, com a escola técnica do colégio e nós ficamos em cima, na parte superior. Ai eu tirei fotografia, desenhei, escrevi tudo e fiz todo o projeto. Mande buscar da USP [Universidade de São Paulo] para poder me basear naquele (ALLE, 2014, p. 32).

Eubéa estudou e desenhou as possibilidades para que o projeto fosse adiante e, logo após a sua conclusão, havia ainda a necessidade de levar o mesmo até o governador Pedro Pedrossian, para a sua avaliação e aprovação; trabalho este que coube ao Padre Benjamim Pádoa que, levando consigo a planta da universidade, encontrou o governador e lhe apresentou a proposta final, recebendo deste o compromisso da implantação (ALLE, 2014).

No ano de 1967, depois de uma mobilização intensa, e com evento realizado no salão do Grupo Escolar, é inaugurado o Instituto Superior de Pedagogia de Corumbá, com a presença de cursos voltados à formação de professores. Neste dia, além de autoridades representantes de diferentes órgãos governamentais, também estiveram presente os médicos Salomão Baruki⁵ e Moises dos Reis Amaral⁶, os quais assumiram parte da direção do novo espaço pedagógico (ALLE, 2014).

Inicialmente, a universidade em Corumbá era chamada de Instituto Superior de Corumbá, cuja nomenclatura foi substituída em seguida por Centro Pedagógico de Corumbá – CPC/UEMT; fazendo então parte da Universidade Estadual de Mato Grosso, cuja sede era em Cuiabá, a capital do estado ainda unificado. Segundo a professora, “[...] aqui ficou uma extensão de Campo Grande. E a grade curricular era de acordo com a universidade federal. Era só um período, durante a noite, quando começou”. Depois de um tempo alterou-se novamente o nome para Centro Universitário de Corumbá – CEUC, que novamente foi alterado quando da divisão dos estados, nascendo assim a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (ALLE, 2014, p. 33).

Após a primeira chamada para o vestibular, o governo estadual autorizou a construção do prédio próprio do Centro Pedagógico, localizado na Avenida Rio Branco, número 1.270, onde a primeira turma se formou, e hoje em dia está

⁴ Este Grupo Escolar foi criado em 1908, pela Resolução nº. 508, mas foi efetivamente instalado no município de Corumbá em 10 de março de 1924 (SENA; BRITO, 2005).

⁵ Médico radiologista e professor universitário corumbaense, tendo sido Secretário de Estado de Educação e Cultura de Mato Grosso e vice-reitor da Universidade Estadual de Mato Grosso, de cuja fundação participou.

⁶ Médico, atuou como Secretário de Educação, Saúde e Assistência Social da Prefeitura Municipal de Corumbá, membro fundador e atualmente Titular da Academia Corumbaense de Letras, e Titular da Cadeira nº. 23 do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

instalada a Unidade I do *Campus* do Pantanal da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CPAN/UFMS. O apoio de governos e da sociedade civil, sobretudo ligado ao setor desenvolvimentista do país explicitava o processo de expansão e interiorização da educação superior no Brasil.

A política educacional superior constituiu o período de 1945-64 como uma fase de construção do próximo período, que se instaura com a reforma universitária de 1968. Isso porque, na fase de redemocratização da sociedade brasileira, a modernização do ensino superior já se processava, modernização essa que foi desvendada pós-68 e se caracteriza pela busca da formação da força de trabalho de nível universitário com vista a, de um lado, atender o capital monopolista e, por outro lado, aplacar os anseios de mobilidade social das camadas médias (MOROSINI, 2009, p. 313).

Eubéa lembrou que os professores que vieram para trabalhar na universidade provinham do estado de São Paulo, sendo que os primeiros cursos foram Pedagogia, Psicologia e outros. A professora prestou o primeiro vestibular, no ano de 1968, sendo aprovada para o curso de Pedagogia, o qual concluiu em 1972, no nomeado Centro Pedagógico de Corumbá - Universidade Estadual de Mato Grosso - CPC/UEMT (ALLE, 2014). *“Esse vestibular era aplicado lá no grupo e a concorrência era muita. Essa foi a primeira turma, e depois todos os anos teve vestibular”* (ALLE, 2014, p. 33). No ano de 1973, pouco depois de concluir a graduação, a professora foi convidada para ministrar aulas na universidade, devido a sua vasta experiência e currículo profissional; ao que aceita, pedindo demissão do cargo que ocupava na prefeitura após 23 anos de serviço público, indo trabalhar na universidade na companhia da professora Magali de Souza Baruki⁷ (ALLE, 2014).

Uma vez que o diploma de Mestrado era importante para professores que atuavam na universidade, Eubéa Senna junto com sua amiga Magali Baruki partem para o Rio de Janeiro para cursar o Mestrado em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ. Nas palavras da narradora, o ingresso no curso era muito concorrido e rigoroso.

Quando dividiu o Estado, em 1979, fomos para o Rio de Janeiro fazer o Mestrado, porque aqui não tinha. Fomos para a PUC do Rio de Janeiro e para nossa surpresa tinha novecentos e sessenta candidatos, para vinte e seis vagas. [...] vamos fazer Magali, por desencargo de consciência, porque não estudamos’. Nós dávamos aula, e que hora íamos estudar, né? Chegamos lá e nós fizemos a prova, e a primeira foi de português. Não caiu gramática, caiu sobre um determinado assunto, duas páginas (ALLE, 2014, p. 33).

Depois de passada uma semana, os resultados do difícil processo seletivo saíram: *“Chegamos lá, na PUC, tinha um portão grande, um pátio, e uma moça falou: ‘eu não acredito, eram vinte e seis vagas e passaram vinte e quatro, só esses conseguiram*

⁷ Poeta, trovadora, professora e orientadora educacional e administrativa de importantes órgãos escolares de Corumbá. Foi membro da Academia Corumbaense de Letras e da União Brasileira de Trovadores – MS.

pontuação, duas vagas ainda não foram preenchidas” (ALLE, 2014, p. 34). Apesar dos receios, e depois de uma relutância inicial em verificar o resultado, Eubéa e Magali estavam aprovadas, obtendo ótimas notas na seleção. Ainda assim, a educadora se lembra com tristeza que sua amiga Magali não pode defender o mestrado juntamente com ela (ALLE, 2014).

No ano de 1982, a professora Eubéa Senna defende seu estudo de mestrado intitulado: “As competências básicas para o professor de 1ª a 4ª série do Ensino de 1º grau nas escolas de periferia urbana: um estudo preliminar”. A educadora se orgulha de sua pesquisa ter sido base para uma pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) fazer um livro, o qual complementava o seu trabalho, mostrando como deveria ser um professor bem preparado. “*Então, quando você faz um trabalho desses e o seu trabalho é usado, você dá crédito para a Universidade que você saiu e onde você fez o curso*” (ALLE, 2014, p. 34). Também lembra que, mesmo depois de aposentada, recebeu um telefonema da UFMS pedindo uma cópia da sua dissertação para ser incluída no acervo da biblioteca (ALLE, 2014, p. 34).

Depois de concluir o curso de mestrado, a professora volta a ministrar aulas de Estatística, Metodologia, Didática e Sociologia no Centro Universitário de Corumbá – CEUC, sendo eleita Diretora e permanecendo no cargo durante o período de 1984 a 1986. Retomando suas lembranças do período de gestão, rememora algumas precariedades de instalações, árduas tarefas e suas articulações para a manutenção da universidade: “*Eu fui à fábrica de cimento ITAÚ pedir apoio e fui atendida de imediato, inclusive com a pintura, e a prefeitura arrumou o quintal*”. (ALLE, 2014, p. 35) De acordo com a educadora, Fauze Scaff Gattass Filho⁸, reitor da universidade no período, admirou sua maneira eficaz e rápida de arrumar e colocar o espaço em funcionamento novamente:

Eu fui pedir apoio. Então ele falou: ‘você vai ganhar um presente’. E me deu aquela parte de lá. Você entrando tem a biblioteca, ele fez aquele bloco novo e os cursos então passaram todos pra lá, ele construiu e logo depois eu sai (ALLE, 2014, p. 35).

No momento em que Eubéa foi pedir sua aposentadoria, já haviam se passado 42 anos de serviços prestados, sendo 23 anos no serviço público municipal e o restante na universidade. Depois do seu desligamento da universidade e quando foi construída a Unidade II do *Campus* do Pantanal, foi realizada uma reunião onde o seu nome foi escolhido para batizar o novo espaço universitário; um reconhecimento ao seu papel de mentora do projeto para a construção e criação da universidade no município de Corumbá. “*Eu fiz a documentação e o estatuto para a criação da universidade daqui*” (ALLE, 2014, p. 35).

⁸ O engenheiro Fauze Scaff Gattass Filho foi professor do curso de Engenharia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – em Campo Grande - MS, onde também atuou como reitor da instituição no período de 24/10/1988 a 23/10/1992.

Também foi na educação superior, rememorando sua história, que a educadora percebeu que conseguiu realizar mais um sonho: o de trabalhar na formação dos professores, em processos de ensinar a ensinar. No Curso de Pedagogia realizava pesquisas e estágios e com isso dialogava diretamente com as situações do campo educativo encontrados nas escolas e nas famílias, sobretudo com as crianças da periferia. Para Eubéa, qualquer que seja o nível em que o professor atue, o princípio a ser adotado é o de “[...] formar cidadãos críticos, conscientes de seus deveres e direitos, possuir um olhar de especificidade para cada estudante, trabalhar com os problemas encontrados ajudando a minimizar os problemas do Brasil” (ALLE, 2014, p. 36).

Pensando a partir da história de Eubéa e do seu envolvimento cotidiano na educação, sobretudo de Corumbá, ressaltamos sua ideia sobre o diálogo com as famílias. “Nós procurávamos saber das famílias, entrávamos em contato com os pais, fazíamos reunião com a família, e sabíamos a profissão dos pais. A maioria eram pescadores. [...] É importante o contato da escola com a família” (ALLE, 2014, p. 36). Ainda sobre esse aspecto, a educadora destaca que a professora ou professor precisa conhecer a criança, o estudante, como fundamento a uma aprendizagem eficaz. Segundo ela, “[...] quando ela entra na escola, no segundo ano, aí ela vai ao livro de matrícula da escola e olha de onde as crianças vieram, o bairro, o pai, a mãe, os dados da criança, como é” (ALLE, 2014, p. 36).

Entre tantos fatos narrados pela educadora desde sua vivência escolar, um deles nos chama mais a atenção, pois reforça a experiência formadora trilhada por Eubéa em seus muitos anos de profissão. Ela nos contou que havia uma menina de nove anos que morava com sua família, filha de mãe lavadeira de roupas e de pai pescador. Após contrair sarampo e tendo sua mãe que continuar o trabalho para o sustento da família e também não podendo ficar sozinha em casa, a menina foi com a mãe à beira do rio, piorou da doença e veio a falecer. Eubéa foi a ouvinte de uma mãe desesperada, com sua filha morta, sem certidão de nascimento, sem uma roupa para ser sepultada, com o pai sumido, sem saber o que fazer. De pronto se colocou a ajudar, providenciando documentação, os trâmites do sepultamento e as roupas para vestir a criança (ALLE, 2014). Eubéa se emociona ao narrar:

[...] falei pra mãe, vamos vestir e tudo. Aí eu chorei nessa hora e fomos calçar o sapato na menina e a mãe chorou. Naquela hora a mãe falou que era a primeira vez que a menina estava calçando um sapato. Eu choquei com aquilo (ALLE, 2014, p. 37).

Para Eubéa, essa história é um exemplo de como o educador precisa “[...] conhecer a realidade do seu aluno, as condições em que vive, o ambiente, dentre outros fatores. A criança não tinha sequer calçados, quanto mais as condições adequadas para frequentar a escola” (ALLE, 2014, p. 37). A educadora somente descobriu a doença da menina, pois sentiu falta da mesma na escola e, preocupando-se procurou a família, deparando-se com o restante da história; e é assim que afirma que os professores

precisam se envolver e se relacionar com as diferentes situações que perpassam as vidas dos estudantes que com eles compartilham o espaço pedagógico. Esse acontecimento mobilizou Eubéa a novas frentes de ação educativa e social (ALLE, 2014); ainda sobre a educação na escola, nos disse que:

Eu acho que a criança tem que conviver num ambiente em que ela vive na casa, na família, uma continuação da casa. É diferente. A criança deve ter a oportunidade de conviver com outras crianças, com a família, brincar com os colegas. Senão, você não tá conseguindo fazer a criança desenvolver como se deve. Uma vida diferente. Tem professores em que a professora só entra, dá o conteúdo e sai. Nós que nos desvalorizamos. Se você trabalhar e faz, você é prestigiada logo (ALLE, 2014, p. 39).

A educadora entende que o professor não é valorizado no Brasil; afirma que este tem pouco prestígio profissional, embora reconheça que um país prescinde da educação para seu desenvolvimento. Essas palavras se encontram na regulamentação que institui o Piso Salarial Nacional dos Professores, Lei nº. 11.738, de 2008. A luta em prol de condições de trabalho e valorização profissional também estiveram em sua alçada, afirmando que foi presidente da Associação dos Professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – ADUFMS durante dois anos, e que participou de uma greve exatamente em busca dessas melhores condições de trabalho para os professores, melhores salários, especialização, entre outras lutas (ALLE, 2014).

A perseverança e as boas relações construídas ao longo de uma vida toda de trabalho no campo educacional marcam a experiência de Eubéa. Sua casa é ainda lugar de diálogo com os amigos de ontem e de hoje, e onde a educação sempre se faz protagonista.

Uma das coisas que eu mais senti e que me ajudou, que me deu forças, foi conseguir vencer na minha profissão. Foi o que me deu maior prazer em tudo. Porque você quando enfrenta uma coisa e vai só, é duro. Isso aqui [mostrando a dissertação de mestrado] eu fiz sozinha, sem ninguém que me ajudou. E fiquei muito triste de Magali não fazer, porque nós fizemos juntas o mestrado, mas ela teve aquela doença. Jamais pensei em desistir, nunca. Eu gosto de Corumbá, é a minha cidade. O meu futuro já fiz. Tudo que eu desejava, eu fiz. Tudo eu consegui. [...] Queria ter uma casa e fiz essa. Hoje eu queria para a educação que o professor se assumisse para que a criança aprendesse (ALLE, 2014, p. 39).

A educadora tem o espírito ensinante, pois continua a compartilhar saberes e a indicar caminhos com sua narrativa; mesmo acreditando no que já fez, sonha com o olhar atento ao futuro: professores assumidos e crianças aprendentes. Duas ações encarnadas, inconclusas, mas que transitam desde o ontem, passando neste agora e lançando-se ao amanhã, como motes essenciais à formação do professor e à experiência da escola como possibilidade de construção efetiva de conhecimentos. É assim, rememorando e narrando, que Eubéa nos faz compreender que as histórias de luta na educação precisam continuar.

Palavras finais

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento [...] Memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (NORA, 1993, p. 9).

O desafio de trabalhar com histórias de vida perpassa por “[...] reconhecer o papel da memória, é saber/aprender a lidar com aquilo que queremos guardar e aquilo que lutamos para lembrar, mas esquecemos” (ALLE, 2014, p. 41); por outro lado, permite refazer caminhos, reavivar antigas reflexões e fomentar novas.

Trabalhar com a história de vida da educadora Eubéa nos permitiu compreender a importância do papel social desempenhado por ela como pessoa e profissional, bem como sua contribuição na educação do município de Corumbá, MS. Sua trajetória perpassa por décadas de uma vida permeada de lutas e conquistas profissionais (e pessoais) que nos levou a reflexões e questionamentos sobre a complexidade da práxis pedagógica e sobre a função social do professor.

Foi possível perceber que nem mesmo as marcas deixadas pelo tempo, os cabelos brancos e algumas falhas na memória não impediram a educadora de externar que ainda é vívido seu desejo por mudanças sociais, do entendimento da educação como uma mola propulsora para uma vida digna, de qualidade, como um dos elementos para a superação das desigualdades sociais. Eubéa, mesmo sem fazer citações de obras ou profundas reflexões teóricas, mencionou sua identificação com as ideias de Paulo Freire, assumindo que se inspirava nele para olhar o mundo e as crianças; deixando assim possível compreender as raízes de sua utopia, das crenças de que todos podem e devem aprender e da educação como caminho para uma vida melhor (ALLE, 2014).

A postura da educadora nos impele reafirmar que a educação é a ferramenta fundamental de transformação social, uma vez que, como afirma o pensador recifense, “[s]e a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 67), pois é exatamente a educação que permite a construção da consciência crítica; sendo que ao passo que o indivíduo constrói a criticidade e exerce seu livre pensar, a possibilidade de modificar sua realidade aumenta. Destaca-se assim o papel fundamental do educador, que precisa (deve) estar ciente da sua ação de mediar o diálogo dos educandos com seu entorno; de proporcionar uma educação que possa ser libertadora, que atue de forma consciente do espaço histórico, político e cultural em que está inserido, pois sua tarefa não pode estar restrita *ao ensino das letras e números*, é preciso assumir o papel de mediador capaz de suscitar nos aprendizes a reflexão e a consciência emancipatória que permite o exercício pleno dos direitos que todos temos.

Ao concluir esse estudo, consideramos que além de revelar a significativa experiência de vida da Professora Eubéa, temos a compreensão de que estamos constantemente vivenciando processos de aprendizagem, sempre em busca do saber, pois afinal, somos eternos aprendizes desta jornada extraordinária que é a vida, ou como enfatiza Freire (1996), “somos seres inacabados”...

Referências

- ALBERTI, V. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6697/1394.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 18 set. 2017.
- ALLE, S. A. *Memórias de uma vida dedicada a educação: a história de vida da professora Eubéa Senna de Almeida*. 2014. 47f. Monografia (Curso de Pedagogia). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2014.
- BARBOSA, D. *Manual de pesquisa*. São Paulo: Ed. Expressão e Arte, 2010.
- BRASIL. Decreto Lei nº. 4.244, de 9 de abril de 1942. Lei orgânica do ensino secundário. *Diário Oficial da União - Seção 1 - 10/04/1942*, Página 5798. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4244.htm>. Acesso em 18 set. 2017.
- BRASIL. *Lei nº. 11.738, de 16 de julho de 2008*. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm >. Acesso em: 18 set. 2017.
- FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONSALVES, E. P. *Iniciação à pesquisa científica*. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.
- JOSSO, M.C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MOROSINI, M. C. O ensino superior no Brasil. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. v. III, século XX. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 296-323.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 9, dez. 1993.
- PERES, E. A Escola Ativa na visão de Adolphe Ferrière: Elementos para compreender a Escola Nova no Brasil. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. v. III: século XX. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 114-128.
- SENA, D. M.; BRITO, S. H. A. Implantação, organização e inserção social do Grupo Escolar Luis de Albuquerque, Corumbá/MT (1924-1970). In: *JORNADA DO HISTEDBR – História, Sociedade e Educação no Brasil. Reconstrução Histórica das Instituições Escolares no Brasil*, IV, 2005. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada6/trabalhos.htm>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- SHIROMA, E. O; MORAES, M. C. M.; EVANGELISTA, O. *Política educacional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- SOARES, L.; GALVÃO, A. M. O. Uma história da alfabetização de adultos no Brasil. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. v. III: século XX. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 257-277.
- XAVIER, M. E.; RIBEIRO, M. L.; NORONHA, O. M. *História da Educação: a escola no Brasil*. São Paulo: FTD, 1994.